

FRASEOLOGISMOS E SINONÍMIA *

RENÉ G. STREHLER
(UnB)

RÉSUMÉ

Cet article analyse des aspects de la synonymie propres aux phraséologismes. Dans ce domaine, il convient de distinguer entre phraséologismes à parenté formelle et sans parenté formelle. Dans le premier cas, on observe en général un paradigme de variation. Entre les éléments se trouvant sur ce paradigme, il existe fréquemment des relations logiques. Contrairement aux unités lexicales synonymes, beaucoup de phraséologismes de même sens ne se laissent pas différencier à l'aide de considérations d'ordre stylistique ou par l'analyse de nuances sémantiques. Par contre, lorsque des phraséologismes synonymes peuvent être différenciés, on observe l'importance des conditions d'actualisation et des registres (familier, populaire, non-marqué, etc.).

INTRODUÇÃO

O presente artigo examina aspectos da sinonímia que são específicos aos fraseologismos. Consideramos como fraseologismo qualquer ocorrência consagrada pelo uso de duas ou mais unidades lexicais. Adotamos essa designação no intuito de evitar noções como *colocação*, *locução*, *expressão idiomática* ou outras, cujas definições não são universalmente aceitas. Neste texto, são examinados apenas os fraseologismos tradicionalmente conhecidos sob a denominação de *locuções adverbiais* ou *expressões idiomáticas* ou *populares*; em outras palavras, unidades lexicais compostas (com ou sem hífen), locuções conjuntivas ou prepositivas e provérbios não são abordados.

Falar de sinonímia, relativamente aos fraseologismos, exige algumas explicações. Uma definição breve de sinonímia é “relation entre deux lexèmes (synonymes) de signifiants différents mais de sens (sémèmes) aussi proches que possible” (Mortureux 1997:191). Com esta definição, a sinonímia se aplica sobretudo a unidades lexicais e a convergência semântica raramente é completa; no entanto, nos dois pares I) *meretriz* – *puta* e II) *furadeira* – *berbequim* existe uma sinonímia completa. A diferenciação entre as unidades lexicais não se faz com critérios estritamente semânticos. Assim, opõem-se em I) o registro não marcado na linguagem em que é usado, enquanto *puta* é marcado como tabu no dicionário

* Agradecemos à professora Enilde Faulstich pelas discussões proveitosas que enriqueceram o presente trabalho.

Houaiss; em II) opõem-se dois registros geográficos: *furadeira*, vocábulo de uso habitual no Brasil, diante de *berbequim*, o equivalente em Portugal.

Entre os fraseologismos, a sinonímia se dá de forma bastante freqüente, no entanto discernir um sinônimo fraseológico de outro exige maior acuidade lingüística. Para fins de compreensão desse fenômeno, os procedimentos de análise que seguiremos são: 1) expor alguns aspectos da sinonímia fraseológica; 2) discutir a diferença formal entre 2.1) fraseologismos sinônimos que se organizam no eixo de seleção e 2.2) fraseologismos sinônimos que se organizam no eixo da combinação e 3) estudo de casos: fraseologismos com significado de ‘fugir’ e ‘morrer’.

Os exemplos citados são recortados de um corpus de 9.000 fraseologismos atestados em dicionários de língua.

1. ASPECTOS GERAIS DA SINONÍMIA FRASEOLÓGICA

Nos exemplos de sinonímia lexical apresentados em I) e II), existe uma unidade formal. De fato, *furadeira* e *berbequim* são unidades lexicais simples. Contudo, podemos igualmente observar sinonímia entre ocorrências de natureza formal distinta: *pagar o tributo à natureza* e *morrer*, ambos significam ‘morrer’. Dito de outro modo, o fraseologismo *pagar o tributo à natureza* é um sinônimo frásico do verbo *morrer*. Portanto, esse exemplo mostra que devemos fixar um quadro para analisar a sinonímia fraseológica. Assim, os exemplos de 1) a 4) correspondem aos tipos de ocorrências pertinentes a nossa análise e significam todos ‘fugir’,

- | | | | | |
|----|------------------------------|---|-------------------|---|
| 1) | <i>cair</i> | { | <i>na madeira</i> | } |
| 2) | | | <i>na rua</i> | |
| 3) | <i>azular o mundo</i> | | | |
| 4) | <i>bater a bela plumage.</i> | | | |

As ocorrências apresentadas em 1), 2), 3) e 4) permitem a distinção de dois tipos de sinonímia. Primeiro, observamos em 1) e 2) a existência de um verbo que se associa a um paradigma contendo unidades lexicais diferentes para cada fraseologismo. Com efeito, esse par, constituído por 1) e 2), constitui um tipo de sinonímia de semelhança formal, fato que não implica obrigatoriamente um parentesco entre os dois fraseologismos. A sinonímia observada em 3) e 4) não nos permite estabelecer convergência ou parentesco formal entre as referidas ocorrências. Ambos fraseologismos são fruto de metáforas distintas. Partindo apenas do significado ‘fugir’, e sem fazer distinção de tipos de sinonímia, foi possível extrair do nosso corpus aproximadamente 80 fraseologismos.

Em razão desse número elevado, postulamos que, contrariamente ao que se observa no léxico, a sinonímia mais ou menos perfeita é um fenômeno freqüente na área da fraseologia. Para averiguar esse postulado, informatizamos o corpus de 9.000 fraseologismos, de modo a permitir a busca de ocorrências, aplicando critérios de ordem onomasiológica. Nos seguintes exemplos, aparecem, em negrito e entre aspas, os significados

que serviam de ponto de partida na busca dos fraseologismos citados e indicamos, entre parênteses, o número aproximado de ocorrências encontradas.

'(estar) na miséria': *à mingua; andar na onça; estar na sarjeta; lamber embira; nas últimas*; etc. (20);

'estar feliz': *chorar na barriga da mãe; estar em maré de rosas; nascer em boa hora; ter boa estrela*; etc. (15);

'morrer': *abotoar o paletó; comparecer ao tribunal divino; entregar a rapadura; largar a casca; render a alma; render a alma ao criador*; etc. (100);

'nascer': *abrir os olhos; abrir os olhos à luz; ver o dia; vir à luz*; etc. (10);

'partir': *afundar o mundo; ganhar o mundo; levantar acampamento; picar o burro*; etc. (10).

Casos como 1) e 2) poderiam levantar uma questão. Nesses exemplos, e em casos parecidos, a sinonímia se assimila à variação¹? Em relação a muitos fraseologismos sinônimos, não podemos recusar essa possibilidade. Contudo, na sincronia não podemos afirmar que tal ou tal fraseologismo teria gerado outro fraseologismo. De fato, os fraseologismos constituem, na língua, traços da fala e, às vezes, podemos mesmo imaginar a aparição independente de fraseologismos parecidos. Ademais, quando existe uma variante longa face a uma variante curta, nem sempre podemos afirmar que uma é o resultado de uma expansão de valor enfático, ou, ao contrário, que a outra é o resultado de um fenômeno de economia lingüística. Vejamos:

- 5) *abrir os olhos + à luz* ou *abrir os olhos à luz* com exclusão de *à luz*
6) *ser dose + para elefante* ou *ser dose para elefante* com exclusão de *para elefante*.

Em presença do número expressivo de fraseologismos sinônimos, que contrasta com a sinonímia proporcionalmente pouco freqüente na área do léxico, devemos buscar uma razão para tal fato. Desde Saussure, sabemos que o signo lingüístico (forma + significado) é imotivado e que ele faz parte do sistema que é a língua. Os fraseologismos, ao contrário, são ocorrências de um grau de motivação elevado. De fato, podemos supor que um falante recorrendo a fraseologismos decide *exprimir-se diferentemente*, ou seja, em vez de empregar uma construção livre, de menor motivação, ele produz asserções que deixam perceber uma motivação. Em outros termos, existem muitos fraseologismos sinônimos que se referem a temas importantes para o imaginário coletivo. O levantamento dos temas mais recorrentes nos permite afirmar que esse último parece mais influenciado por assuntos tabus ou acontecimentos extremos e difíceis. Assim, encontramos muitos fraseologismos que se referem à pobreza, ao perigo (fugir), à sexualidade ou à morte. No entanto, há igualmente quinze fraseologismos significando 'estar feliz', mas, a nosso ver, eles não contradizem

¹ Consideramos a variação como o fenômeno que permite a aparição de unidades parecidas (variantes) a partir de unidades existentes.

essas afirmações, já que são largamente minoritários em relação a todos os fraseologismos que tratam de assuntos graves. Desde esse ponto de vista, observamos que a diferença de números entre fraseologismos que significam ‘morrer’ (100 fraseologismos) e aqueles que significam ‘nascer’ (10) é significativo.

Gostaríamos de ressaltar que, para o falante, existe uma diferença fundamental entre unidades lexicais e fraseologismos. Sua liberdade de criação lexical é bastante limitada comparada à liberdade de criar fraseologismos. Se um falante não quiser exprimir um fato qualquer por meio de unidades lexicais existentes e usuais, ele pode recorrer a outras unidades lexicais para formar uma perífrase por intermédio de composição ou de metáfora. Em ambos os casos, ao ouvir uma perífrase desconhecida, um interlocutor se basearia no conhecimento das unidades lexicais existentes para interpretar o significado, o que não poderia fazer com um neologismo lexical. As perífrases assim criadas tornar-se-ão fraseologismos, caso sejam adotadas pela comunidade lingüística.

2. FRASEOLOGISMOS SINÔNIMOS

2.1. Fraseologismos sinônimos associados a paradigmas

Dentro do corpus, podemos observar que muitos fraseologismos se associam a dois tipos de paradigmas. Primeiro, são ocorrências freqüentes como em

dar $\left\{ \begin{array}{l} \text{às gâmbias} \\ \text{às pernas} \\ \text{ao pé,} \end{array} \right\}$

que significam todas ‘fugir’ e segundo paradigmas tais como observados em 5):

abrir os olhos $\left\{ \begin{array}{l} \text{à luz} \\ \text{Ø.} \end{array} \right\}$

Nesse último caso, podemos observar uma posição vazia. Contrastar esses dois fraseologismos, *abrir os olhos à luz* e *abrir os olhos*, implicaria considerações que ultrapassam a nossa preocupação, que é a sinonímia, mas, no presente trabalho, não abordamos esse tipo de paradigma. Quanto àqueles do primeiro tipo, notamos que eles são o resultado da observação de um corpus constituído a partir de ocorrências atestadas em dicionários de língua. Esse fato tem sua importância, porque em sincronia, não podemos ter certeza de que o paradigma é o resultado de variação ou da aparição, na língua, de fraseologismos parecidos, mas independentes. Assim, o paradigma ligado a *até dizer*, que se observa em:

até dizer $\left\{ \begin{array}{l} \text{basta!} \\ \text{chega!,} \end{array} \right\}$

nos permite apenas constatar a existência de *até dizer basta!* e de *até dizer chega!* Mas importa-nos saber que as duas ocorrências são sinônimos perfeitos, assim como, e antes de tudo, as unidades lexicais que constituem o paradigma. Baseados nesta última observação, buscamos levantar paradigmas cujos elementos mantêm entre si uma relação lógica.

Apresentamos agora uma amostra de diferentes relações lógicas observadas em paradigmas:

- Classes de objetos de uma mesma família.

7) *Calar* $\left\{ \begin{array}{l} a \text{ boca} \\ o \text{ bico} \end{array} \right\}$ (= não falar, silenciar)

8) *Ficar a pão e* $\left\{ \begin{array}{l} banana \\ laranja \end{array} \right\}$ (= ficar na miséria)

9) *O cair* $\left\{ \begin{array}{l} das \text{ flores} \\ das \text{ folhas} \end{array} \right\}$ (= o outono)

O contraste entre 7) e 9) nos mostra que fraseologismos podem aparecer tanto num registro familiar (7), quanto num registro literário (9). Consideramos que o paradigma de 7) é formado por objetos de um mesmo conjunto, apesar de *bico* significar, em uso informal, 'boca humana'; de fato, o sentido primeiro da palavra em questão se refere à região maxilar das aves. Em 8), para entender o funcionamento do paradigma, devemos recorrer a uma interpretação cultural. Num primeiro tempo, importa entender que o paradigma é constituído por objetos da classe de frutas. Em seguida, notamos que, para aceder ao significado 'ficar na miséria', precisamos entender que bananas e laranjas são, para um brasileiro, objetos quase tão comuns quanto o pão. Este exemplo mostra que os traços aferentes de unidades lexicais podem ser tão importantes quanto os traços inerentes. Dito de outra maneira, *banana* e *laranja* ingressam o paradigma de 8) atualizando o mesmo traço aferente, que é 'ainda acessível aos pobres'. Este fato é importante segundo uma perspectiva bilíngüe, porque os traços aferentes podem variar de maneira considerável. Assim, em francês, a aferência de *laranja* (orange) é o oposto do que observamos em relação ao português. Desse modo, no fraseologismo *apporter à quelqu'un des oranges*, (tradução literal: *trazer laranjas para alguém* = visitar alguém que está na cadeia ou no hospital) a unidade *laranja* atualiza o traço aferente 'comida que sai do ordinário'.

- Unidades lexicais sinônimas em certos contextos

10) $\left\{ \begin{array}{l} Abaixar \\ assentar \\ sossegar \end{array} \right\}$ *o facho* (= tornar-se mais modesto)

- 11) $\left\{ \begin{array}{l} brecha \\ Abrir caminho \\ passagem \end{array} \right\}$ (= 1. passar, entrar com esforço ou violência. 2. adiantar-se em honras, posições ou riqueza. 3. alastrar, progredir. 4. facilitar algo, afastando obstáculos)

Todas as expressões criadas com os verbos do paradigma 10) formam fraseologismos opacos; em outras palavras, são o resultado de metáforas. A sinonímia dos verbos se determina em relação ao sentido literal dos elementos constituintes, sem considerar a metáfora. Em outros contextos, não são obrigatoriamente sinônimos, como: *abaixar a cabeça*, *assentar a cabeça* e *sossegar a cabeça*. Em relação a esse fato, gostaríamos de ressaltar a importância da leitura literal dos fraseologismos, mesmo que esses sejam metáforas. Com efeito, quando, em relação a fraseologismos idiomáticos, os seguintes autores empregam conceitos como *Leseart*² (Burger 1998:59 e 155) ou *défigement*³ (Gross 1996:19), eles pressupõem que o falante sempre tem em mente o significado literal e o significado metafórico, sendo atualizado um ou outro, em função do contexto.

No paradigma 11) existem duas unidades lexicais (*caminho* e *passagem*) que designam, na acepção mais habitual, um lugar que pode ser obstruído. No entanto, a presença de *brecha* mostra que o significado 'lugar em que se pode circular' não é suficiente para explicar a existência do paradigma, isto só é possível com o significado 'passagem' e com o emprego de *abrir* no sentido de 'furar'.

- Unidades lexicais que mantêm outros tipos de relações

Com frequência, os elementos de um paradigma não se articulam em volta de sinônimos ou de objetos de uma mesma família. Nesses casos, podemos observar relações lógicas mais amplas. Assim, encontramos frequentemente paradigmas nos quais as diferentes unidades lexicais entram numa relação de instrumento e de produto do instrumento:

- 12) *apertar* $\left\{ \begin{array}{l} o pé \\ o passo \end{array} \right\}$ (= andar mais depressa)

- 13) *ruim da bola* $\left\{ \begin{array}{l} (= amalucado) \\ da idéia \end{array} \right\}$

Da mesma maneira que o *pé* serve para dar passos, a *bola* serve para produzir idéias. No que diz respeito aos registros, o *Novo Dicionário Aurélio - Século XXI* considera estilisticamente não-marcados os fraseologismos de 12). O mesmo dicionário aplica a marca "fam." a *ruim da bola*.

² Maneira de ler, interpretar.

³ Descristalização.

Às vezes, não podemos reduzir a um esquema “instrumento – produto” os elementos presentes num mesmo paradigma, ainda que haja um funcionamento lógico bastante parecido. É o que observamos em 14) e 15):

14) *deitar lenha* $\left\{ \begin{array}{l} \textit{na fogueira} \\ \textit{no fogo} \end{array} \right\}$ (= atizar uma discórdia)

15) *cair no rol* $\left\{ \begin{array}{l} \textit{do esquecimento} \\ \textit{dos esquecidos} \end{array} \right\}$ (= sair da memória)

A relação entre *fogueira* e *fogo* parece evidente, mas não nos parece certo assimilar *fogueira* a um instrumento. Seria mais adequado ver *fogueira* como “lugar no qual acontece algo de preciso”, o fogo. De maneira parecida, não interpretamos *esquecimento* como um instrumento no sentido estrito, mas podemos afirmar que *esquecidos* (pessoas ou coisas) são o resultado do esquecimento.

Há outros tipos de relações que poderiam ainda ser observados. A nosso ver, eles não correspondem a representantes rígidos de categorias lingüísticas. Na língua, esses tipos refletem uma maneira de pensar e de ver a realidade extralingüística. Assim, não devemos nos surpreender que possa existir num mesmo paradigma mais de um tipo de relação lógica, como:

16) *Molhar* $\left\{ \begin{array}{l} \textit{o bico} \\ \textit{a garganta} \\ \textit{a goela} \\ \textit{a palavra} \\ \textit{o peito} \end{array} \right\}$ (= tomar bebida alcoólica)

No paradigma (16), a unidade lexical *palavra* é um item intruso. Todas as outras unidades constituem uma classe de objetos da mesma natureza; trata-se de unidades lexicais que designam partes do corpo humano, devendo ser *molhadas* durante o ato de beber. Notamos que a ação de falar, à qual está ligada *palavra*, implica quase inteiramente as mesmas partes do corpo humano que a ação de beber. Assim, *bico*, *garganta* e *goela* mantêm com *palavra* uma relação “instrumento – produto”.

Poderíamos continuar enumerando fraseologismos sinônimos que se organizam no eixo de seleção, porém acreditamos que os exemplos já apresentados ilustram o que nos parece importante nessa categoria: as relações lógicas entre elementos de paradigmas se explicam através de uma ligação entre a realidade lingüística e as possibilidades lingüísticas de exprimir essa realidade. Acrescentamos ainda que os fraseologismos de cada paradigma podem ser variantes, mas não o são obrigatoriamente.

2.2 Fraseologismos sinônimos que se organizam no eixo da combinação

Além dos fraseologismos analisados em 2.1, existem também fraseologismos sinônimos entre os quais não observamos qualquer relação formal. Por exemplo, este último tipo de sinonímia se observa nos pares *abrir os olhos – vir à luz* e *adormecer no Senhor –*

comer capim pela raiz, significando respectivamente ‘nascer’ e ‘morrer’. Os exemplos a seguir mostram que fraseologismos sinônimos sem relação formal são frequentes. No corpus de 9.000 fraseologismos, encontramos 13 ocorrências significando ‘cair’, entre as quais os seguintes exemplos correspondem a sinônimos que se organizam apenas no eixo da combinação. Vejamos:

‘cair’: *dar um trambolhão; ir abaixo; malhar abaixo; morder o pé; pegar uma peba; rojar-se com a face no pó*

Podemos aplicar a mesma observação a fraseologismos que significam ‘chorar muito’, entre sete ocorrências do corpus, as seguintes não são variantes.

‘chorar muito’: *abrir o bué; chorar rios de lágrimas; debulhar-se em prantos.*

Encontramos ainda onze fraseologismos com o significado ‘correr’. Desses, seis não mantêm nenhuma relação formal entre si:

‘correr’: *abrir as tesouras; andar à roda; atropelar a terra; dar à canela; meter o pé na carreira; partir como uma bala.*

Entre seis fraseologismos significando ‘estar feliz’, os seguintes não correspondem a variantes formais.

‘estar feliz’: *chorar na barriga da mãe; estar com sorte; nadar em maré de rosas; nascer em boa hora; ter asas nos pés; viver sobre um leito de rosas.*

Para significar ‘sem dinheiro’, só encontramos sinônimos sem parentesco formal.

‘sem dinheiro’: *a nenhum; na dependura; na onça; sem vintém.*

No caso de ‘vomitar’, abaixo, existem dois fraseologismos que, talvez, são o resultado de uma inspiração parecida. No entanto, esse fato não nos autoriza estabelecer uma relação formal entre eles; trata-se de *deitar carga ao mar* e de *fazer discurso aos peixes*. Apresentamos agora o conjunto de fraseologismos compartilhando esse mesmo significado:

‘vomitar’: *botar pelo ladrão; cantar a lupa; deitar a carga ao mar; destripar o mico; fazer discurso aos peixes; lançar fora.*

O conceito de ‘falar’, com suas várias nuances, permite ilustrar a riqueza da sinonímia. No corpus existem mais de cem fraseologismos que significam ‘falar’ ou ‘falar de uma maneira específica’. Alguns exemplos de sinônimos sem parentesco formal seguem:

‘falar mal de’: *assentar o pau em; botar os cachorros; cortar a casca de; esticar a língua; falar pelas costas; fazer a poda de; meter a tesoura em; tocar na honra de; tosar na pele de.*

‘falar, sair do silêncio’: *abrir a boca; desprender a voz; ir à fala; soltar a taramela; tomar a palavra.*

Os dicionários consultados fazem a distinção entre ‘falar muito’ e ‘falar demais’. Consultar os fraseologismos que correspondem a essas duas acepções nem sempre permite entender quais são os critérios que autorizam essa distinção. Acreditamos que, nessa área, é difícil evitar uma certa subjetividade. Assim, é legítimo perguntar se a ocorrência *estar*

com toda a corda, definida por ‘falar incessantemente’, corresponde a ‘falar muito’ e/ou ‘falar demais’.

‘falar demais’: *beber água de chocalho; correr o balado; falar pelos cotovelos.*

‘falar muito’: *dar à taramela; desenferrujar a língua; falar mais do que o preto do leite; ter muita tripa.*

‘falar com sinceridade, com franqueza’: *abrir o jogo; dizer a verdade nua e crua; falar com o coração nas mãos; falar sem rebuços; não ter papas na língua.*

‘falar indiscretamente’: *alargar a língua; bater com a língua nos dentes.*

Apresentamos em “1. Aspectos gerais da sinonímia fraseológica” argumentos que explicam por que podemos encontrar na língua um número importante de fraseologismos sinônimos. Em 2.1 e 2.2 vimos de que maneira a sinonímia se manifesta em relação aos fraseologismos. Passemos agora ao estudo de casos, para ilustrar de que modo considerações pragmáticas podem interferir na sinonímia.

3. ESTUDO DE CASOS: FRASEOLOGISMOS COM SIGNIFICADO DE ‘FUGIR’ E ‘MORRER’

Entre os temas propícios ao aparecimento de fraseologismos, destacam-se os de ‘fugir’ e de ‘morrer’. Para ambos, levantamos no corpus aproximadamente noventa ocorrências. Admitamos, baseado numa sondagem informal, que vinte a trinta por cento dessas são de uso freqüente na comunidade lingüística. Os outros fraseologismos correspondem, portanto, a ocorrências pouco conhecidas. Os dicionários de língua mencionam todos, assumindo, assim, a descrição da língua não só nas áreas mais conhecidas, mas também nos seus recintos mais desconhecidos.

Do conjunto de fraseologismos com significado de ‘fugir’, citamos:

- 17) *abrir no pé;*
- 18) *abrir nos panos;*
- 19) *cair fora;*
- 20) *cair na rua;*
- 21) *pôr-se em fuga.*
- 22) *bater a linda plumagem (fam.);*
- 23) *abrir as tesouras (pop.);*
- 24) *abrir o arco (pop.);*
- 25) *botar o pé no mundo (pop.);*
- 26) *cair no mato (pop.);*
- 27) *pôr sebo nas canelas (pop.);*
- 28) *fazer a pista (gír.).*

As indicações de uso, que acompanham certas ocorrências, são extraídas dos dicionários consultados. Assim, a praxe lexicográfica ordena os fraseologismos apresentados em 17) – 28) em quatro níveis de uso: as ocorrências 17) – 21) correspondem, a princípio, a um nível lingüístico não-marcado; 22) se assimila a um uso familiar; 23) – 27) pertencem, segundo os dicionários, a um uso popular e 28) é gíria. Convencionalmente, uma unidade não-marcada não sofre restrições de uso na comunidade lingüística; já a marca *fam.* (familiar) indica que tal ou tal unidade se restringe ao uso informal, escrito ou oral; *pop.* (popular), de seu lado, nos informa que unidades assim caracterizadas se empregam, de costume, apenas no discurso oral e informal; quanto à marca *gír.* (gíria), ela indica que a unidade assim marcada pertence a um determinado grupo social. Portanto, *gír.* não indica estritamente um nível de uso, como *fam.* ou *pop.*, por exemplo. Decorrendo dessas observações, podemos afirmar que os quatro grupos de fraseologismos (17-21; 22; 23-27; 28) se distinguem entre si por causa das condições de atualização divergentes. No entanto, essas distinções só são válidas se os lexicógrafos adotaram um sistema coerente para marcar os níveis de uso – o que não parece ser o caso. De fato, não acreditamos que *bater a linda plumagem e abrir no pé* pertençam a níveis de uso distintos: o primeiro a um nível não-marcado e o segundo ao nível familiar. Além disso, *cair fora* (não-marcado) e *cair no mato* (popular) parecem corresponder, a nosso ver, a um nível de uso sensivelmente comparável. Com essas afirmações, não visamos a sustentar que a atribuição de marcas de uso seja uma técnica inválida para distinguir fraseologismos sinônimos, apenas observamos que a prática atual é incoerente. As conseqüências dessa incoerência são, sem dúvida, menores para um falante nativo que para um aprendiz alófono. Esse último corre o risco de proceder a assimilações e dissimilações que não correspondem ao uso real da língua.

Fraseologismos que significam ‘morrer’ podem corroborar as afirmações precedentes; no entanto, importa-nos agora ilustrar um outro aspecto. Vejamos algumas ocorrências:

- 29) *adormecer no Senhor*
- 30) *despir-se das prisões da carne*
- 31) *entregar a alma a Deus*
- 32) *entregar a alma ao diabo*
- 33) *ir para o outro mundo.*

Esses fraseologismos, talvez, não fazem parte dos mais conhecidos entre todos os que significam ‘morrer’. No entanto, acreditamos que eles sejam facilmente interpretados por um falante nativo. De fato, além do significado primeiro, eles se baseiam num sistema religioso senão compartilhado, ao menos conhecido dos falantes do português. Nesse contexto, os lexicógrafos que definem esses fraseologismos apenas por “morrer” não cometem um equívoco. Contudo, numa perspectiva bilíngüe, ou pensando na problemática do ensino do português como língua estrangeira, devemos mostrar mais cautela. Com efeito, um aprendiz do português como língua estrangeira não conhece forçosamente as doutrinas e crenças religiosas implicadas pelos fraseologismos 29) – 32), sobretudo se ele é originário de uma cultura distante da ocidental. Nesse sentido, a pragmática opõe essas ocorrências radicalmente a fraseologismos como *bater o cachimbo* ou *perder a vida*, por exemplo.

Além disso, em 31) e 32) existe uma dicotomia “Deus – diabo” que, a nosso ver, torna a definição “morrer” demasiadamente redutor ao deixar de lado os significados aferentes. De fato, esses dois fraseologismos implicam um julgamento em relação ao defunto em questão: positivo em 31), negativo em 32). Constatamos, portanto, que considerações pragmáticas são primordiais para distinguir fraseologismos em casos como aqueles acima citados.

4. CONCLUSÃO

As considerações aqui apresentadas mostram que podemos dividir a sinonímia dos fraseologismos em duas categorias. A primeira corresponde a fraseologismos sinônimos que se organizam apenas no eixo de seleção. *Andar à roda* e *meter o pé na carreira* são dois exemplos de ocorrências dessa categoria e significam ‘correr’. A segunda categoria é constituída por fraseologismos sinônimos que se organizam no eixo da combinação. A nosso ver, isso não nos autoriza a falar de variantes. A lógica observada entre os elementos do paradigma pode ser o fruto de uma associação de idéias que já existia antes da aparição dos fraseologismos.

No que diz respeito à atualização, observamos que muitos fraseologismos são sinônimos perfeitos: eles não se distinguem com critérios relativos a níveis de uso, nem com critérios de ordem pragmática. Notamos que, num registro familiar, *andar à roda* e *dar à canela* são empregados de maneira indistinta para significar ‘correr’. Esse fato constitui uma diferença fundamental entre fraseologismos e unidades lexicais sinônimas.

Observamos também fraseologismos sinônimos que não podem ser empregados de maneira indistinta. Isso ocorre, talvez, quando os fraseologismos divergem estilisticamente: *bater o trinta-e-um* e *descansar no regaço do Senhor* são, assim, sinônimos incompatíveis. No entanto, em *entregar {a Deus / ao diabo}* são considerações pragmáticas que impedem o emprego de um elemento do paradigma no lugar do outro.

A nosso ver, a importância da sinonímia vem do fato de que ela permite revelar o funcionamento dos fraseologismos. Se for possível detectar paradigmas e se for possível neles detectar imagens predominantes, ter-se-á então uma visão de como os fraseologismos apareceram na língua e como vão ainda aparecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLY, Ch. (1951). *Traité de stylistique française*. 3ª edição. Paris: Klincksieck.
- BURGER, H. (1998). *Phraseologie. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen*. Berlin: Erich Schmidt Verlag.
- FERREIRA, J. de F. (1985). *A Pedagogia do léxico*. Porto: Edições Claret.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. (1986). *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GROSS, G. (1996). *Les expressions figées en français*. Paris: Ophrys.

- HOUAISS, A. & Salles Vilar, M. de (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- HUNDT, Ch. (1994). *Untersuchungen zur portugiesischen Phraseologie*. Pro lingua Band 18. Wilhelmsfeld: gottfried egert verlag.
- MORTUREUX, M.-F. (1997). *La lexicologie entre langue et discours*. Paris: Sedes.
- RASTIER, F. (1996). *Sémantique interprétative*. 2ª edição revisada. Paris : Presses Universitaires de France.
- STREHLER, R. G. (1998). As marcas de uso nos dicionários. In: Oliveira, A. M. P. P. & Isquardo, A. N. (org.) *As ciências do léxico*. Campo Grande: Editora UFMS.
- _____. (2002). Unités phraséologiques en portugais: problèmes de délimitation. In *Travaux du LILLA*. N° 4. Nice: Université de Nice-Sophia Antipolis.
- WEISZFLOG, W. (ed.) (1998). *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- WELKER, H. A. (2003). Idiomatiche Phraseologismen. In: *Zweisprachige Lexikographie: Vorschläge für deutsch-portugiesische Verbwörterbücher*. München, Herbert Utz Verlag.
- ZINGLÉ H. (2001). *Dictionnaire combinatoire unilingue français*. Paris, la Maison du dictionnaire.
- ZULUAGA, A. (2001). *Análisis y traducción de unidades fraseológicas desautomatizadas*. www.fu-berlin.de/phin/phin16/p16t5.htm.
- _____. (1980). *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt a. M.: Peter D. Lang.